

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Guamirim-Chorão

Myrcia rostrata

volume

3

Guamirim-Chorão

Myrcia rostrata

Fotos: Paulo Ernani Ramalho Carvalho



Iratil, PR (Colégio Florestal)



Guamirim-Chorão

Myrcia rostrata

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group (APG) II* (2003), a posição taxonômica de *Myrcia rostrata* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Rosidaeas

Ordem: Myrtales

Família: Myrtaceae

Gênero: *Myrcia*

Espécie: *Myrcia rostrata* DC.

Publicação: Prodr. 3:255. 1828

Sinonímia botânica: *Myrcia catharinensis* O. Berg; *Myrcia gracilis* var. *opaca* O. Berg.

Nota: os sinônimos acima são os mais encontrados na literatura, mas essa espécie tem uma sinonímia considerável, disponível em Legrand e Klein (1969).

Nomes vulgares por Unidades da Federação:

no Ceará, folha-miúda-branca; em Minas Gerais, cambuí, carvãozinho, folha-miúda, guamirim,

guamirim-de-folha-miúda, jambo-do-mato e murta; no Paraná, guamirim, guamirim-chorão, guamirim-de-folha-fina, guamirim-de-folhas-finas e pau-tinta; e no Estado de São Paulo, anavinga, carvãozinho, guamirim e lanceira.

Etimologia: o nome genérico *Myrcia* é baseado em *Myrtus* (grego *myrtos*), nome clássico, muito antigo do mirto, da família das Mirtáceas; o epíteto específico *rostrata* vem do acúmen foliar; do latim *rostrum*, que significa “bico” (LEGRAND; KLEIN, 1969).

Descrição Botânica

Forma biológica: arbusto, arvoreta a árvore semidecídua. As árvores maiores atingem dimensões próximas a 10,5 m de altura e 25 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo) na idade adulta.

Tronco: é levemente tortuoso. O fuste é geralmente curto, medindo até 5 m de comprimento.

Ramificação: é simpodial. A copa é rala e irregular.

Casca: mede até 20 mm de espessura. A superfície da casca externa ou ritidoma é levemente rugosa e fissurada longitudinalmente; de coloração cinza. A casca interna é avermelhada.

Folhas: as folhas jovens são de coloração vermelho-vinosas ou verdes, levemente pilosas em ambas as faces, medindo de 3,0 cm a 6,5 cm de comprimento, por 0,6 cm a 1,6 cm de largura; são glabras em ambas as faces, cartáceas, verdes-escuras na superfície adaxial, verdes-claras na abaxial, elíptico-lanceolada, de base aguda, ápice rostrado; bolsas secretoras pequenas, impressas na face abaxial; nervura mediana canaliculada na face adaxial, proeminente na abaxial, nervuras secundárias em número de 18 a 20 pares levemente salientes e reticuladas na face abaxial, nervura marginal simples, a 1 mm da margem; o pecíolo mede de 2 mm a 6 mm de comprimento e 0,4 cm a 1,5 cm de largura.

Inflorescências: apresentam-se em panículas paucifloras axilares, menores ou maiores que a folha, medindo de 1,5 cm a 4 cm de comprimento.

Flores: são brancacentas.

Fruto: é uma baga globosa, com sépalas persistentes, glabra, elipsóide, medindo de 5 mm a 8 mm de comprimento, com 1 a 2 sementes. O fruto é de coloração vermelha quando maduro, com polpa carnosa.

Sementes: apresenta testa membranácea, com o embrião exibindo uma radícula reta.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Myrcia rostrata* é uma espécie monóica.

Vetor de polinização: essencialmente abelhas, diversos insetos pequenos e os sirfídeos – Diptera: Syrphidae (ARRUDA; SAZIMA, 1996).

Floração: de janeiro a setembro, no Ceará (COSTA et al., 2004), de setembro a dezembro, no Estado de São Paulo (DE GRANDE; LOPES, 1981; MORELLATO et al., 1989), de outubro a dezembro, em Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1990; PERON, 1994) e de novembro a dezembro, no Paraná (GOETZKE, 1990).

Frutificação: os frutos maduros ocorrem de dezembro a janeiro, em Minas Gerais (PERON, 1994), de dezembro a fevereiro, no Estado de São Paulo (MORELLATO et al., 1989) e de janeiro a fevereiro, no Paraná.

Dispersão de frutos e sementes: essencialmente zoocórica (COSTA et al., 2004), principalmente a avifauna.

Andrade (2003) relaciona as seguintes espécies de aves que consumiram frutos ou diásporos de *Myrcia rostrata* em Lavras, MG: guaracava-de-barriga-amarela (*Elaenia flavogaster*), maria-cavaleira-de-crista-curta (*Myiarchus ferox*), maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado (*M. tyrannulus*), bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), bem-te-vizinho-de-topete-vermelho (*Myiozetetes similis*), bem-te-vi-de-bico-chato (*Megarynchus pitangua*), bem-te-vi-preto-carijó (*Myiodynaster maculatus*), bem-te-vi-peitica (*Empidonomus varius*), siriri (*Tyrannus melancholicus*), caneleiro-preto (*Pachyrhamphus polychopterus*), sabiá-laranjeira (*Turdus rufigiventris*), sabiá-branco (*T. leucomelas*), fruteiro-de-coroa (*Nemosia pileata*), tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*), sanhaço (*Thraupis sayaca*), sanhaço-do-coqueiro (*T. palmarum*), saíra-cara-suja (*Tangara cayana*), saí-azul (*Dacnis cayana*), sebinho-de-crisso-castanho (*Conirostrum speciosum*), tico-tico (*Zonotrichia capensis*) e tico-tico-rei (*Coryphospingus pileatus*).

Entre os mamíferos, destaca-se o macaco-bugio ou guariba (*Alouatta guariba*) (KUHLMANN, 1975).

Ocorrência Natural

Latitudes: de 2°30'S, no Maranhão, a 27°35'S, em Santa Catarina.

Varição altitudinal: de 30 m, no Maranhão, a 1.740 m de altitude, na Serra da Piedade, MG (BRANDÃO; GAVILANES, 1990).

Distribuição geográfica: *Myrcia rostrata* ocorre, de forma natural, no Brasil, nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 33):

- Bahia (STANNARD, 1995; FUNCH; BARROSO, 1998; MENDONÇA et al., 2000).
- Ceará (CAVALCANTE, 2001; COSTA et al., 2004).
- Distrito Federal (WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).
- Goiás (MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA et al., 2004).
- Maranhão (MUNIZ et al., 1994; SOUSA et al., 2002).
- Mato Grosso.
- Minas Gerais (MOTA, 1984; BRANDÃO; GAVILANES, 1990; VIEIRA, 1990; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992a e b; PERON, 1994; BRANDÃO et al., 1994b; BRANDÃO; BRANDÃO, 1995; VILELA et al., 1995; BRANDÃO et al., 1996; ARAÚJO et al., 1997; CARVALHO, 1997; FONTES, 1997; LIMA, 1997; MEIRA NETO et al., 1997;

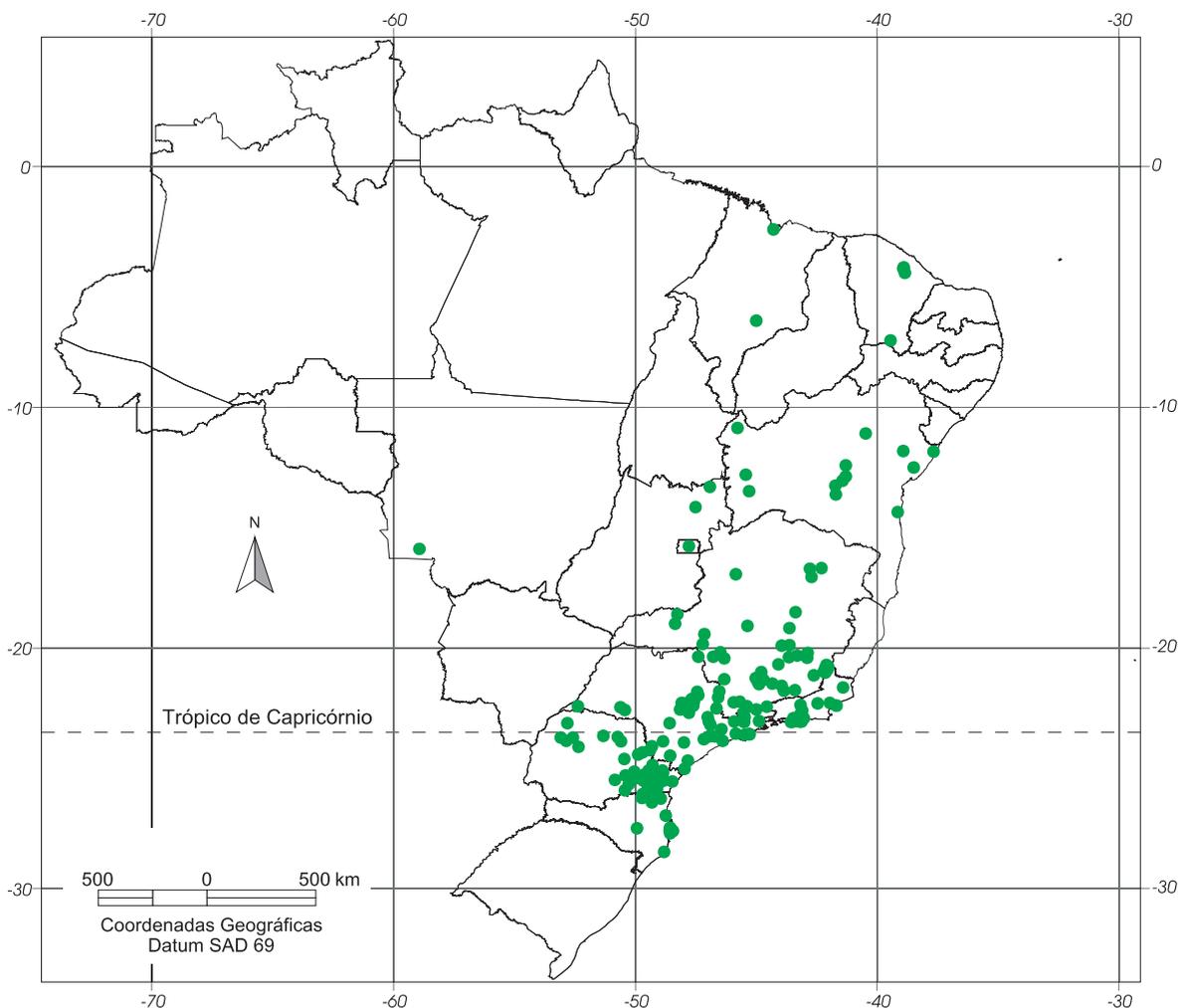
BRANDÃO et al., 1998; ATTALA et al., 2000; WERNECK et al., 2000a; RODRIGUES, 2001; BOTREAL et al., 2002; CARVALHO, 2002; COSENZA, 2003; FERNANDES, 2003; SAPORETTI JÚNIOR et al., 2003a e b; GOMIDE, 2004; OLIVEIRA-FILHO et al., 2005).

- Paraná (HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972; GOETZKE, 1990; BRITZ et al., 1992; PERON, 1994; SILVA et al., 1995; DIAS et al., 1998; HATSCHBACH et al., 2005; CURCIO, 2006).
- Estado do Rio de Janeiro (PERON, 1994; CARVALHO et al., 2006).
- Rio Grande do Sul (KLEIN, 1983; 1984).
- Santa Catarina (LEGRAND; KLEIN, 1969; BRESOLIN, 1979; PERON, 1994).
- Estado de São Paulo (DE GRANDE; LOPES, 1981; BAITELLO et al., 1988; MATTHES et al., 1988; CUSTODIO FILHO, 1989;

PAGANO et al., 1989; RODRIGUES et al., 1989; SILVA, 1989; ROBIM et al., 1990; GANDOLFI, 1991; COSTA; MANTOVANI, 1992; MANTOVANI, 1992; MENDONÇA et al., 1992; TOLEDO FILHO et al., 1993; PERON, 1994; SALIS et al., 1994; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; PAGANO et al., 1995; TOREZAN, 1995; TOLEDO FILHO et al., 1997; TOLEDO FILHO et al., 1998; AGUIAR et al., 2001; BERTANI et al., 2001; BERTONI et al., 2001; RODRIGUES; NAVE, 2001; MARTINS et al., 2002; GOMES et al., 2005; BERNACCI et al., 2006; OGATA; GOMES, 2006; TEIXEIRA; RODRIGUES, 2006).

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: essa espécie é pioneira (TOLEDO FILHO et al., 1997) a secundária inicial (DIAS et al., 1998) ou clímax exigente de luz (CHAGAS et al., 2001).



Mapa 33. Locais identificados de ocorrência natural de guamirim-chorão (*Myrcia rostrata*), no Brasil.

Importância sociológica: o guamirim-chorão apresenta dispersão ampla, mas irregular e descontínua ao longo de sua área de ocorrência. Ocorre em clareiras pequenas, com menos de 60 m² (COSTA; MANTOVANI, 1992).

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Contato transicional entre a Floresta Estacional Semidecidual e a Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), no Planalto de Poços de Caldas, MG (NAPPO et al., 2000).
- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação Montana, no oeste de Minas Gerais (WERNECK et al., 2000a).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana, Montana e Alto-Montana, em Minas Gerais (CHAGAS et al., 2001; LOPES et al., 2002), no Paraná (GOETZKE, 1990) e no Estado de São Paulo, com frequência de até 88 indivíduos por hectare (OLIVEIRA-FILHO et al., 1994; MEIRA NETO et al., 1997; TOLEDO FILHO et al., 1998; RODRIGUES, 2001; MARTINS et al., 2002).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Submontana, Montana e Alto-Montana, no Ceará (CAVALCANTE, 2001), em Minas Gerais (FONTES, 1997), no Estado do Rio de Janeiro (CARVALHO et al., 2006) e no Estado de São Paulo (OGATA; GOMES, 2006), com frequência de até 30 indivíduos jovens por hectare (CARVALHO, 1997; GOMES et al., 2005).
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta com presença de araucária), na formação Montana, no Paraná, com frequência de até 175 indivíduos por hectare com DAP superior a 6,4 cm (GALVÃO et al., 1989; ZILLER, 1993).
- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), no Estado de São Paulo.

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado stricto sensu, na Bahia (MENDONÇA et al., 2000), no Ceará (COSTA et al., 2004), no Maranhão (SOUSA et al., 2002) e em Minas Gerais (LIMA, 1997; COSTA; ARAÚJO, 2001; SAPORETTI JÚNIOR et al., 2003).
- Savana Florestada ou Cerradão, em Minas Gerais (COSTA; ARAÚJO, 2001).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001), em Goiás (MUNHOZ; PROENÇA, 1998; SILVA et al., 2004), em Minas Gerais (VILELA et al., 1995), no Paraná (HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972; SILVA et al., 1995) e no Estado de São Paulo (SALIS et al., 1994; CARDOSO-LEITE et al., 2004).
- Campo de murundu, em Uberlândia, MG (RESENDE et al., 2004).
- Campo pedregoso, em Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1990).
- Campo rupestre, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 1994).
- Floresta de Brejo, no Estado de São Paulo (IVANAUSKAS et al., 1997).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 760 mm, no Ceará, a 2.400 mm, no Maranhão.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas na Região Sul (exceto no norte do Paraná) e chuvas periódicas nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula na Região Sul (exceto o norte do Paraná). De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal e no sul de Goiás. Moderada nas serras do Ceará. Moderada (no inverno) no oeste do Estado de São Paulo. De moderada a forte no Ceará, no norte do Maranhão e no oeste da Bahia.

Temperatura média anual: 13,4 °C (Campos do Jordão, SP) a 26,1 °C (São Luís, MA).

Temperatura média do mês mais frio: 8,2 °C (Campos do Jordão, SP) a 25,7 °C (São Luís, MA).

Temperatura média do mês mais quente: 20,7 °C (Rio Negro, PR) a 27 °C (São Luís, MA).

Temperatura mínima absoluta: - 7,7 °C (Campos do Jordão, SP).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 30; máximo absoluto de 81 geadas na Região Sul e em Campos do Jordão, SP.

Classificação Climática de Koeppen: **Af** (tropical superúmido) no litoral do Paraná. **Am** (tropical chuvoso com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração) nas serras de Baturité, Guaramiranga e Pacoti, no Ceará. **Aw** (tropical quente com estação seca de inverno) no sul do Ceará, no nordeste de Goiás, no Maranhão, no noroeste, no oeste e no leste de Minas Gerais, no norte do Estado do Rio de Janeiro e no Estado

de São Paulo. **Cfa** (subtropical úmido com verões quentes, podendo haver estiagem e geadas pouco frequentes) no Paraná e no Planalto de Ibiúna, SP. **Cfb** (temperado superúmido com verão suave e inverno com geadas frequentes) no Planalto de Poços de Caldas, MG e no Paraná. **Cwa** (subtropical de inverno seco não rigoroso e verão quente e moderadamente chuvoso) no Distrito Federal, no sul e no nordeste de Goiás, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude com verões chuvosos e invernos frios e secos) no sul e no sudeste de Minas Gerais, na Chapada Diamantina, BA, e no nordeste do Estado de São Paulo.

Solos

Myrcia rostrata ocorre, naturalmente, em vários tipos de solos.

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore, quando iniciar a queda espontânea. Em seguida, devem ser amontoados em sacos de plástico até iniciar sua decomposição, para facilitar a separação das sementes por meio de lavagem em água corrente (LORENZI, 1998).

Número de sementes por quilo: 4 mil (LORENZI, 1998).

Tratamento pré-germinativo: não é necessário.

Longevidade e armazenamento: as sementes de *guamirim-chorão* apresentam comportamento recalcitrante em relação ao armazenamento, tendendo a perder rapidamente a viabilidade. Não é aconselhável o armazenamento, pois não se conhecem métodos eficazes.

Produção de Mudanças

Semeadura: semear em sementeiras ou diretamente em sacos de polietileno de dimensões mínimas de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno de tamanho médio. Quando necessária, a repicagem deve ser efetuada 4 a 6 semanas após a germinação ou quando a plântula medir 4 cm a 6 cm de altura.

Germinação: é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência tem início de 25 a 35 dias após a semeadura. Geralmente, a taxa de germinação é maior que 50 %. As mudas atingem um porte adequado para plantio cerca de 6 meses após a semeadura.

Características Silviculturais

O *guamirim-chorão* é uma espécie heliófila, que tolera o frio.

Hábito: quando em plantio, *Myrcia rostrata* apresenta crescimento monopodial com ramificação leve. Apresenta desrama natural sob espaçamento pequeno.

Métodos de regeneração: para essa espécie, recomenda-se plantio misto.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados sobre crescimento de *Myrcia rostrata*. Contudo, segundo Lorenzi (1998), no campo o desenvolvimento dessa espécie é considerado rápido, podendo atingir facilmente 2 m de altura aos 2 anos de idade.

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira do *guamirim-chorão* é densa (0,87 g.cm⁻³) a 12 % de umidade.

Cor: o cerne é vermelho.

Características gerais: textura média; grã direita.

Outras características: madeira pouco resistente e de baixa durabilidade natural.

Produtos e Utilizações

Apícola: espécie melífera, produzindo néctar e pólen.

Celulose e papel: a madeira dessa espécie é inadequada para esse uso.

Constituintes fitoquímicos: presença de saponinas, taninos, antra-derivados, esteróides e triterpenóides na casca e no lenho (SAKITA; VALLILO, 1990).

Energia: produz lenha e carvão de boa qualidade.

Madeira serrada e roliça: a madeira do *guamirim-chorão* é empregada em construções rurais e na confecção de embalagens.

Paisagístico: essa espécie é indicada para arborização urbana, principalmente em ruas estreitas e sob redes elétricas (LORENZI, 1998).

Plantios com finalidade ambiental: no ecossistema, *Myrcia rostrata* é muito importante como núcleo de atração da avifauna na dispersão de sementes, sendo indicada para a composição de plantios heterogêneos destinados à restauração de ambientes fluviais ou ripários e na recuperação de áreas degradadas. Em Minas Gerais, essa

espécie foi encontrada em regeneração em área de voçoroca (FARIAS et al., 1993).

Em São Mateus do Sul, PR, numa área de Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), essa espécie apresentou uma deposição anual de serapilheira de 88,9 kg, o que a classifica em 14º lugar entre 34 espécies estudadas (BRITTEZ et al., 1992).

Espécies Afins

O gênero *Myrcia* A. P. de Candolle, ex Guillemin, foi criado por De Candolle e descrito por Guillemin (LEGRAND; KLEIN, 1969).

Myrcia rostrata é uma espécie bastante variável morfológicamente, principalmente quanto às dimensões e forma das folhas e quanto ao grau de desenvolvimento da inflorescência (PERON, 1994). Legrand e Klein (1969) consideram essa espécie sob cinco formas representadas por: *M. rostrata*: forma *rostrata*, *gracilis*, *pseudo-mini*, *sericiflora* e *communis*.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui